

ENTREVISTA

INTEGRAÇÃO DE SABERES: DESAFIO REAL OU MERA RETÓRICA?

Não é possível pensar a transmissão do conhecimento sem considerar a organização do saber da modernidade baseada em disciplinas. Essa é uma das posições defendidas pela enfermeira e professora Maria Henriqueta Luce Kruse, mestre e doutora em Educação, em entrevista concedida a mestre em Ciências da Enfermagem e especialista em Ativação de Processos de Mudança na Educação e em Metodologias do Ensino de Enfermagem, Ana Jezuino. Para ela, essa é uma das importantes questões que nos podem ajudar a refletir sobre a relevância da ênfase em uma formação interdisciplinar no contexto da educação.

Maria Henriqueta também destaca a necessidade de desenvolver a integração entre diferentes campos de conhecimento não só na educação fundamental, mas também nas formações profissionais: “A interdisciplinaridade ou a integração curricular não configura proposta nova no âmbito da formação profissional em saúde e nem da Enfermagem. As experiências levadas a efeito não permitem dizer que tal modalidade de ensino tenha produzido resultados concretos ou mesmo relevantes, uma vez que não se conhecem exemplos na educação superior que tenham conseguido manter essa modalidade de ensino em funcionamento por muito tempo”.



Ana Jezuino

Enfermeira, mestre em Ciências da Enfermagem e especialista em Ativação de Processos de Mudança na Educação e em Metodologias do Ensino de Enfermagem, é assessora técnica dos Eixos Tecnológicos Ambiente e Saúde/Segurança, parte da Gerência de Implementação e Integração do Departamento Nacional do Senac.

Coordenou o Projeto de Formação dos Profissionais de Enfermagem (Profae) no Estado do Rio de Janeiro e, desde a década de 1990, atua em processos educacionais nas áreas de formação profissional técnica, gestão pedagógica e controle social.

E-mail: anajezuino@senac.br



**Maria Henriqueta
Luce Kruse**

Graduada em Enfermagem, mestre e doutora em Educação, é professora da Escola de Enfermagem e líder do Grupo de Estudos Culturais na Educação, Saúde e Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assessora do Serviço de Enfermagem Cirúrgica do Hospital de Clínicas Porto Alegre, tem experiência na área de Enfermagem ao Adulto – cuidado paliativo e educação em enfermagem – produzindo pesquisas especialmente no referencial pós-estruturalista e em Estudos Culturais.

E-mail: kruse@uol.com.br

Ana Jezuino – *Nos últimos anos, muito se tem falado sobre a importância da integração de saberes no processo ensino-aprendizagem. O que há de mera retórica nesses discursos?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – A educação tem se revelado um campo muito prolífico para discursos retóricos, como se o simples fato de falar produzisse as mudanças sempre desejadas. Se observarmos os discursos na mídia, por exemplo, vamos ver a afirmativa de que educação é tudo, a coisa mais importante, o bem maior que alguém pode ter, mas sempre acompanhado da proposta de ampla reforma, de grandes mudanças educacionais. Essa educação desejada não é a nossa, é sempre produto de mudança que deve ocorrer.

Ana Jezuino – *Discursos contrários à fragmentação dos saberes e à excessiva especialização acabaram por transformar a palavra disciplina em algo abominável em educação. É possível praticar integração de saberes sem partir das disciplinas?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – Disciplinas têm sido vistas como o modo de organização do saber na modernidade. Alfredo Veiga-Neto¹ diz que o conhecimento se organizou e engendrou desse modo. Não foi uma doença que veio de fora e “atacou” o conhecimento, mas é nossa maneira de pensar. Nas leituras que fazemos sobre o projeto da interdisciplinaridade, observamos uma vontade de combater o projeto disciplinar para rever, revisar formas tradicionais de educação. Desse modo, reinterpreto a pergunta e proponho: é possível pensar a transmissão de conhecimento desconsiderando a organização do saber da modernidade? Penso que não. Em artigo que escrevi com Dagmar Meyer,² o assunto é abordado, destacando que, de forma bastante simplificada, o movimento pela interdisciplinaridade propõe integração entre diferentes campos do conhecimento, possível a partir de novos arranjos curriculares e diferentes maneiras de se trabalhar conteúdos disciplinares para alcançar uma unidade do saber. Essa fusão disciplinar faria desaparecer a própria disciplinaridade. Por outro lado, também observo que as discussões sobre interdisciplinaridade não estão esgotadas, ao contrário, estão presentes em práticas pedagógicas, pesquisas e narrativas de professoras e professores.

Ana Jezuino – *A organização curricular, na grande maioria dos projetos pedagógicos e planos de cursos, mesmo os mais inovadores, permanece estruturada em disciplinas. O que há de realmente novo em termos de estruturação curricular focada na integração de saberes?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – A ideia de algo novo é complicada. Será que podemos dizer que existe algo realmente novo além da nossa vontade de ter algo assim? Hannah Arendt³ já dizia que a escola nunca poderia ser o lugar do novo por ser o lugar da transmissão do saber. Quem se propõe a ser o lugar da transmissão do saber não pode ser o lugar do novo! Acredito que essa seja uma boa reflexão...

Ana Jezuino – *Alguns autores falam da banalização do termo interdisciplinaridade. Até que ponto o termo visto como modismo tem prejudicado a construção de um saber unificado ou minimamente menos fragmentado?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – A interdisciplinaridade, vista como solução para muitos dos males que acometem o ensino desde a segunda etapa da educação básica, em geral, é

manejada como solução mágica, principalmente quando se trata de justificar mudanças curriculares ou propor novos currículos, até mesmo com a finalidade de legitimar tanto discursos renovadores como defender antigos.

Mesmo reconhecendo a importância da ênfase em uma formação interdisciplinar no contexto da educação (e concordando com ela), é preciso lembrar que a interdisciplinaridade ou a integração curricular não configura proposta nova no âmbito da formação profissional em Saúde e nem da Enfermagem. As experiências levadas a efeito não permitem dizer que tal modalidade de ensino tenha produzido resultados concretos ou mesmo relevantes, uma vez que não se conhecem exemplos na educação superior que tenham conseguido manter essa modalidade de ensino em funcionamento por muito tempo. Os exemplos de ensino interdisciplinar que conhecemos são do ensino fundamental, especialmente da primeira à quarta série. A partir daí, é mais um desejo de ultrapassar a barreira disciplinar do que possibilidade.

Ana Jezuino – *A educação profissional transita entre dois campos de reflexão teórica: o da educação e o do trabalho, muitas vezes tratados a partir de princípios conflitantes – a educação baseada em princípios de solidariedade e de igualdade; o trabalho centrado na competitividade e no individualismo. Quais as possibilidades de integração dos saberes da educação para a vida com os da educação para o trabalho?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – Penso que os princípios da educação permanente têm sido a resposta possível neste momento. A educação permanente em Saúde pode ser entendida, ao mesmo tempo, como prática e como política, pois compartilha muitos de seus conceitos. A educação permanente produz conhecimentos no cotidiano das instituições de Saúde com base na realidade vivida pelos atores envolvidos, considerando os problemas enfrentados no dia a dia do trabalho e as experiências dos trabalhadores. Elas constituem a base de interrogação e mudança nos conceitos de ensino problematizador, inserido de maneira crítica na realidade e sem superioridade do educador com relação ao educando. Por outro lado, temos a aprendizagem significativa, interessada nas experiências anteriores e nas vivências pessoais daqueles que aprendem, ou seja, ensino embasado na produção de conhecimento que responda às perguntas do mundo do trabalho.

Ana Jezuino – *Outra discussão interessante refere-se ao debate acadêmico em torno dos conceitos de ensino e educação. Como essa distinção se relaciona ao mundo do trabalho? Quando falamos sobre integração de saberes da educação com os saberes do trabalho, estamos falando de transmissão de valores, de visão teórica que fundamenta o fazer demonstrado e argumentado ou do ato de ensinar?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – Ensino e educação podem ser considerados sinônimos se levarmos em consideração que os dois se referem à transferência de normas importantes para a vida em sociedade. No entanto, no que se refere às suas especificidades conceituais, podemos afirmar que ensino consiste basicamente na transferência de conhecimentos e nos métodos relativos a essa transferência. Já a educação seria o processo de desenvolvimento físico, intelectual e moral dos seres humanos. Assim, o ensino tem-se constituído na possibilidade de disseminação do processo civilizatório. Embora possamos também fazer uma crítica do quanto tal processo eliminou saberes e modos de viver de determinados grupos não hegemônicos. Aliás, indico o filme “Escolarizando o mundo”⁴ para quem quiser refletir mais profundamente sobre o assunto.

Ana Jezuíno – *No Brasil, a pedagogia baseada no ensino por competências tem sido apresentada, como panaceia ou como vilã da moderna educação profissional. No bojo dessas divergências, estão os riscos da tecnocracia e a preocupação com o enfoque acentuado nos resultados. Qual a sua opinião sobre o ensino por competências na perspectiva da integração dos saberes?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – Não me considero uma profunda conhecedora dessa proposta, mas acredito que já esteja um pouco superada. Tal modo de organizar o ensino responde bem às propostas de ampla reforma, das quais o campo da Educação está cheio. O discurso sobre competências atravessa a formação de pessoas que atuam no setor da saúde desde a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), mas há um longo caminho a ser percorrido para que existam modos de formação profissional pertinentes com sua proposta. Até porque há muitos sentidos para o termo competência, especialmente nas tão faladas “novas competências para o trabalho”. Quais seriam essas competências cognitivas e comportamentais exigidas para o trabalho? Como se poderia organizar um ensino para essa demanda? Isso seria possível? Seria desejável? Muitas perguntas, poucas respostas.

Ana Jezuíno – *Basarab Nicolescu⁵ afirma que “a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento”. Alguns autores consideram estes termos como parte de uma mesma família, e argumentam que suas fronteiras não estão estabelecidas. Porém, mantêm-se amplamente utilizadas pelos teóricos da moderna educação. Qual a contribuição efetiva desses conceitos para a integração de saberes?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – Tenho pensado sobre essa demanda, pontuando que minha escolha recai no uso da expressão multiprofissionalidade, saber multiprofissional, trabalho multiprofissional. Seria razoável pensar na contribuição do saber de cada profissão, isto é, a possibilidade que temos neste momento histórico de trabalhar agregando saberes de diferentes profissões.

Ana Jezuíno – *O que há de realmente novo na construção de projetos pedagógicos calcada na integração dos saberes? Essa “família” ou “flechas” do conhecimento têm ajudado na elaboração de projetos educacionais inovadores?*

Maria Henriqueta Luce Kruse – Como outros autores que se ocupam desse assunto, penso que seria desejável procurar novas formas de entendimento disciplinar que procurem não apenas a unificação do conhecimento, mas o convívio entre diferentes modos de pensar e organizar o conhecimento.

Notas

¹ Alfredo Veiga-Neto é graduado em História Natural e em Música, mestre em Genética e doutor em Educação. Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Currículo e Pós-Modernidade e integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão.

² Meyer, D. E.; KRUSE, M. H. L. Acerca de diretrizes curriculares e projetos pedagógicos: um início de reflexão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF), v. 56, n. 4, p. 335-339, jul./ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n4/a02v56n4.pdf>>. Acesso em: maio 2013.

³ ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. Disponível em: <<http://redeantiga.unifreire.org/pedagogia-noturno/arquivos/hanna-arendt-a-crise-na-educacao.pdf>>. Acesso em: maio 2013.

⁴ “Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco” é um documentário, de 2010, dirigido por Carol Black. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs>. Acesso em: maio 2013.

⁵ NICOLESCU, Basarab. **Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.